

Caderno de
Leituras n.172/24

Humanos e
não humanos:
linguagens emitidas,
pensamentos
escutados

Mónica Nepote

Este ensaio foi publicado em 10 de maio de 2021, no *Periódico de Poesía* da Universidad Nacional Autónoma de México, com o título “Humanos y no humanos: lenguajes emitidos, pensamientos escuchados” e está disponível em:

<https://periodicodepoesia.unam.mx/texto/humanos-y-no-humanos-lenguajes-emitidos-pensamientos-escuchados/>

Esta é a história de um corpo que contém em si muitos corpos. É uma história de territórios deslimitados. Uma narrativa que se cruza com outros gêneros, inclusive alguns não nomeados (ainda). Uma história de cordas (Donna Haraway), uma ficção entretecida por vozes – algumas articuladas, outras na verdade intuídas. Mas todas estão aí: sob a expressão possível, às vezes invisíveis e às vezes palpáveis, às vezes deixando apenas um rastro ou um espectro, às vezes como uma estrutura fantasma, uma espécie de feitiço porque já não estão presentes esses corpos (antigos animais), mas sim os daqueles que foram seus sócios: as plantas que comeram, as árvores que lhes deram sombra e com as quais de uma ou muitas formas se entrelaçaram, as flores que existem graças a eles em um ciclo que contribuíram para completar.

A relação interespecie começou muito antes de os humanos povoarem a terra, mas voltou a começar quando a megafauna se envolveu com sua alimentação. Quando animais enormes transitavam com liberdade por continentes cuja extensão, orografia e verdes imagens agora apenas podemos especular. Como agentes de mudança no rosto planetário, temos interferido no ritmo das plantas, na vida dos animais com os quais compartilhamos territórios. Temos circunscrito esses territórios, mudando os cursos, cultivando, modificando os fluxos aquáticos, levando plantas daqui para lá, fazendo-nos acompanhar de outros corpos, deslocando outros e ingerindo muitos mais.

A mente animal se assemelha à nossa porque está constituída junto com nossa linguagem. Nos explicamos aos lobos porque em seus olhos queremos reconhecer uma sombra de alguém que nos interpela.

É quase impossível evocar o pensamento animal sem ter em conta o nosso próprio modo de pensar. Buscamos entender como nos

pensam, ou pensar como eles, ou simplesmente decifrar o mistério silencioso de seus olhares. Vejo minhas gatas, me olham, sustentamos essa rede de olhares até que elas giram – sem se intimidar – seu rosto em outra direção para voltar a olhar fixamente um ponto. Me debato interiormente: o que diriam se lhes fosse possível. E me pergunto o que diriam se eu tivesse a possibilidade de escutar essa linguagem que de alguma maneira elas emitem.

Meu amigo E é um estudioso autodidata do comportamento animal. Vive com cachorros há muitos anos; um deles foi seu melhor companheiro, e, quando morreu, E atravessou um longo luto. Antes disso, e como parte de sua pesquisa, E buscou J, um antigo treinador que agora se dedica à comunicação interespecie por meio de uma forma de telepatia. (Em termos práticos: fala com os animais e eles com ele.) J foi buscado por E por uma razão específica e, também, por curiosidade. Nesse momento, E vivia com uma colega que tinha uma condição de saúde e de espírito que a havia feito passar por momentos de grande vulnerabilidade. Além de Trufa (o doberman/pitbull) e Malta (a weimaraner), havia Virgínia (outra doberman), com quem a colega de quarto havia construído um forte vínculo. Depois da sessão, E mandou um e-mail me narrando:

Disse apenas a J que falasse com Virgínia para ver o que ela lhe contava, sem dar nenhum detalhe. J entrou em seu transe, Virgínia – que estava meio adormecida – levantou a cabeça e começou a grunhir ligeiramente. Quando terminaram, J me contou uma história. Conheceu o doberman de uns amigos. O cachorro era muito próximo à mulher do casal. Um dia eles se divorciaram e o cachorro passou a viver com os filhos, que já eram grandes. Quando ficou claro que a mãe não voltaria para casa, o doberman foi se deitar na porta do quarto, e ali ficou; parou de comer, parou de beber, se deixou morrer. Ele me disse: “Virgínia é esse tipo de doberman e tem uma relação muito forte com X. Não sei o que ela está vivendo, mas Virgínia fez seu o compromisso de carregar uma tristeza. Assumiu a responsabilidade de cuidar dela, como a irmã mais nova de uma irmã mais velha que ninguém entende”. Virgínia disse a J que X acredita que sua mamãe não a ama, e que essa é a fonte de sua tristeza.

J pergunta a Virgínia: “Tem algo a dizer para X?”

Virgínia responde: “Sim, que não leve as coisas tão a sério o tempo todo, que relaxe mais, que a gente saia mais para conhecer outros cachorros e outras pessoas”.

*

Quando eu era criança, minha mãe costumava me repetir a história de uma família que conviveu com um pastor alemão. Segundo o relato, o cachorro dava sinais de grande inteligência; cada um dos integrantes da família tinha um vínculo especial com ele. Mas essa relação era descrita nos seguintes termos: ele fazia um favor a cada membro. Quando um dos homens chegava, levava suas pantufas e esperava que as calçasse para deitar-se junto a ele; a mãe ou uma das irmãs podiam pedir-lhe algo da venda, o cachorro levava a sacola no focinho e o vendedor despachava o pedido guiando-se por uma lista enviada pelas mulheres. Quando o cachorro morreu, todos choraram por ele, insistia minha mãe comigo toda vez que repetia a história. Situando o relato, esses fatos ocorreram em uma cidade de província entre os anos quarenta e sessenta. A imagem do cão que seleciono do relato é a de um membro querido e apreciado por sua atitude solícita; o cachorro é útil, trabalha e é querido na medida em que demonstra submissão, obediência e cooperação. Isso estabelece uma relação marcada por uma ideologia que aprova a utilidade do subalterno.

Em um livro dedicado à voz, Mladon Dolar fala de uma obsessão histórica particular: a dos autômatos. O século XVII foi, a seu modo, uma época de máquinas. Inventores, matemáticos, pesquisadores e curiosos se voltaram para a criação de máquinas em escala humana que replicavam algumas funções também humanas. Do enxadrista de Kempelen ao desejo obsessivo de Leonhard Euler de conseguir uma máquina que imitasse a linguagem humana. Esse sonho foi possível e, além disso, registrado em um documento datado de 1784: “A linguagem humana que aparentemente saía de uma boca humana” fez com que os ouvintes experimentassem horror e fascínio (o sinistro, aponta Dolar). Kempelen descreveu sua máquina em um livro, seus “princípios teóricos e os delineamentos para a realização prática”. A máquina que imitava a linguagem não podia “falar alemão; o francês, o italiano e o latim eram muito mais fáceis”. Seu fraseado é algo assim (na tradução ao português): “Você é meu amigo, eu amo você com todo o meu coração, Leopoldus Secundus Romanorum Imperator, papai, mamãe, minha mulher, meu marido, o rei, vamos a Paris”. Dolar diz que há duas funções básicas nessa linguagem: a declaração de amor e o louvor ao soberano. Essa marca subjetiva tão humana que é a voz, ao formar parte da máquina, se torna um dispositivo que emite som, mas estabelece submissão.

Além de sonhar com máquinas que falam, nos imitam e nos explicam nosso ser humano, também sonhamos em falar com animais, saber o que se passa dentro deles. Como nos veem? O que

dizem? “O que diriam os animais se fizéssemos as perguntas certas?”, diz a etologista Vinciane Despret em um livro disposto como glossário que pode, ou não, ser lido na ordem. Na entrada “F de Fazer científico”, correspondente à pergunta “Os animais têm um senso de prestígio?”, Despret resume uma angústia contemporânea sobre como nos aproximamos dos animais. Ela conta como os observadores, naturalistas e cientistas do século XIX outorgavam, sem hesitar, qualidades “humanas” aos não humanos: senso de solidariedade, amor e inclusive um senso estético (a propósito disso, ela cita o próprio Darwin), “algo que posteriormente se qualificará como um antropomorfismo desenfreado”. No entanto, com Konrad Lorenz, pai da etologia, tudo mudou. O estudo do comportamento animal se dividiu entre cientistas e aficionados. Estes últimos compartilhavam anedotas e uma sistematização que talvez não passasse pelas exigências estabelecidas pelas teorias de Lorenz. Apesar disso, me diz meu amigo E – o estudioso autodidata da conduta animal –, Lorenz viveu em uma casa rodeado de animais de diversas espécies, conseguindo que todos convivessem, embora, curiosamente, recusasse a possibilidade da comunicação interespecie. Isso me faz pensar nas cenas familiares que Lorenz narra em dois de seus livros (publicados, creio, para um público geral e não como parte de sua teoria).

Despret, por seu turno, centra seus exemplos contemporâneos em tendências que estão nos antípodas, e dedica sua análise aos relatos de dois observadores de uma mesma espécie: os tagarelas-árabes, aves que habitam o Oriente Médio. Um dos estudiosos se baseia em uma observação próxima à antropologia, enquanto o segundo se opõe ao que chama de prática antropomórfica e anedótica, pois seu sistema se inscreve na teoria sociobiológica. Curiosamente, os dois observadores realizam o mesmo experimento e chegam a conclusões parecidas por caminhos distintos. O importante, talvez, é o que diz Despret: “Seja qual for a resposta, generosa ou crítica, que dermos a essas questões, notaremos que o sentido da acusação de antropomorfismo caiu por terra: hoje, exprime o problema da relação dos cientistas com os amadores. Já não se refere a compreender os animais à luz de motivos humanos. Já não é o humano que está no cerne dessa questão, mas sim a prática e, portanto, uma certa relação com o saber”.

No fundo, o que busco ao sublinhar isso é que o debate termine descentralizando o ponto humano: a questão é pensar se os pássaros atuam como os aficionados, ou seja, coletando anedotas, interpretando e levantando hipóteses.

Do meu ponto de vista de aficionada, os animais pensam, e o fazem com o corpo e com o território – e às vezes, quando nos aproximamos, possivelmente o fazem em colaboração. Mas, sobretudo,

somos nós que pensamos neles e nos submergimos em um mundo repleto de linguagem. Para descrever o pensamento animal não temos nada além da mais humana das ferramentas: a linguagem e nosso desejo de fixá-la (escrita) e compartilhá-la (comunicação); queremos socializar nossas observações, nossas dúvidas e certezas.

No deserto mongol restam apenas alguns poucos caçadores que levam a cabo seu trabalho em uma forma particular de colaboração: com águias. A história é contada em um documentário que oferece outra particularidade: a da primeira mulher caçadora, a jovem Aishopan Nugaiv, que com seus treze anos venceu as resistências dos anciãos de sua tribo, pois estes não concordavam que uma mulher fizesse parte da tradição. Durante doze gerações, a família de Aishopan tem convivido com essas sócias peculiares. A relação humana-águia começa pela vontade, de forma que Aishopan começou sua relação colaborativa com o ritual praticado por seus ancestrais: foi ela quem subiu até o ninho da águia para roubar um filhote, quem alimentou a ave desde pequena, a única de sua família que fala com ela; elas convivem e criam uma simbiose. Ambas aprendem a caçar, dependem uma da outra e vivem nesse vínculo durante aproximadamente sete anos, até que a águia é libertada. A beleza dessa história repousa tanto no aspecto simbólico como na história em si: a coreografia do fazer juntas, dos corpos de uma menina e de uma enorme ave, braços e asas, plumagem e concentração; uma linguagem de gestos e sons que, como toda língua interespecie, tem sua particularidade (a de duas indivíduos): um amplo espectro de narrativas a serem decodificadas, entendidas até certo ponto para depois cederem ao terreno de um conhecimento não teórico e sim corporal, telepático, sincrônico.

Os lobos são território. Uma das razões de terem sido perseguidos quase até o extermínio é por serem lidos em relação a seu território. São metódicos, circundam o mesmo espaço, caminham sobre as próprias pegadas. Esse método fez deles presa fácil de seu predador: o homem. Para os lobos, o território é seu; o homem chegou nele para colocar alimentos. Habitantes antigos de povoados inóspitos, foram perseguidos e caçados, “amestrados” com crueldade. Os lobos, como outros animais não humanos, pensam com seu corpo, e nele levam incrustado o território. A dicotomia selvagem/civilizado é nossa. *Natureza* é um termo inventado por nós.

Os animais não humanos estão em nosso tecido de relações, em nossos desejos de ser outros. Estão, inclusive, em nosso leito de morte. A morte da mãe de Laurie Anderson foi acompanhada por uma assembleia de animais imaginários. Desejo que os últimos momentos da minha consciência aconteçam nessa companhia.

“Por quê há tantos animais no teto?”, diz. Quais são as últimas palavras que dizemos em nossa vida? Quais são as últimas coisas que você diz antes de se converter em terra? Quando minha mãe morreu, ela estava falando com os animais que estavam reunidos no teto. Falou a eles com doçura. “Vocês, os animais”, disse. Suas últimas palavras, todas dispersas.

Laurie Anderson (*Heart of a Dog*)

Bibliografia

- Anderson, Laurie. *El corazón de un perro*, Bikini Ninja, 2017.
- Despret, Vinciane. *¿Qué dirían los animales si les hiciéramos las preguntas correctas?*, Cactus, 2018.
- [Ed. bras.: *O que diriam os animais?* Tradução de Letícia Mei. São Paulo: Ubu, 2021.]
- Haraway, Donna J. *Seguir con el problema*, Consonni, 2019.
- [Ed. bras.: *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1, 2023.]
- Haraway, Donna J. *Manifiesto de las especies de compañía*, Sans Soleil, 2016.
- [Ed. bras.: *O manifesto das espécies companheiras*. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.]
- Jans, Nick. *Lobo Negro. Historia de una amistad salvaje*, Errata Naturae, 2017.
- Lorenz, Konrad. *Hablaba con las bestias, los peces y los pájaros*, Tusquets, 1999.
- [Ed. port.: *Ele falava com o mamífero, as aves e os peixes*. Tradução de Georgina Segurado. Mem Martins: Europa-América, 1991.]
- Lorenz, Konrad. *Cuando el hombre encontró al perro*, Tusquets, 1999.
- [Ed. port.: *E o homem encontrou o cão*. Tradução de Paulo Faria. Lisboa: Relógio d'Água: 1997.]
- Ptqk, María et al. *Especies del Chthluceno. Panorama de prácticas para un planeta herido*, Sycorax, 2019.
- Tsing, Anna, Heather Swanson, Elaine Gan y Nils Bubandt (editores). *Arts of Living on a Damaged Planet*, University of Minnesota Press, 2017.

Caderno de Leituras 172 | 2024

Humanos e não humanos: linguagens emitidas, pensamentos escutados

Humanos y no humanos: lenguajes emitidos, pensamientos escuchados

Mónica Nepote

Edição Maria Carolina Fenati

Tradução Gabriel Bueno da Costa

Revisão da tradução Fernanda Regaldo

Preparação de texto Maria Carolina Fenati

Revisão Andrea Stahel

Projeto gráfico Luísa Rabello

Coordenação da coleção Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, abril de 2024

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis

em www.chaodafeira.com